

Júlio França é Professor Adjunto de Teoria da Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

1) O QUE É LITERATURA DE HORROR?

De modo geral, creio que podemos entender “Literatura de horror” como um termo genérico, que se refere àquelas narrativas ficcionais que têm, como característica principal, a produção de algum grau de medo (horror, terror, repulsa etc.) em seu leitor.

2) QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DE UMA LITERATURA DE HORROR?

De um ponto de vista puramente formal, talvez tenhamos que dizer que o horror é um gênero “previsível”, uma vez que seu objetivo fundamental é sempre o mesmo: horrorizar o leitor. Contudo, como o horror pode ser produzido, artisticamente, de uma infinidade de maneiras, as características variam muito de época para época, de autor para autor. Isso porque embora o medo seja universal, suas causas podem variar muito, no tempo e no espaço. Cada sociedade tem os seus medos próprios e a boa literatura de horror é justamente aquela que identifica esses pavores, trazendo-os de modo realista ou alegórico, para o terreno da ficção.

Além disso, vale mencionar ainda o que Stephen King chama de “pontos de pressão fóbica”, noção que descreve o elemento idiossincrático do medo, que pode variar muito de indivíduo para indivíduo – uma obra ficcional que me apavore pode provocar tédio em você, e vice-versa.

3) COMO O HORROR VIRA LITERATURA?

A presença de elementos de horror (monstros, eventos sobrenaturais, mortes violentas etc.) em narrativas pode ser rastreada desde tempos remotos, em mitos, lendas, poemas épicos... Contudo, a tradição literária reconhece o Romantismo Gótico do final do século XVIII como o marco inicial, na era moderna, de uma literatura que tem na produção/tematização do medo um traço essencial.

4) QUAL A DIFERENÇA ENTRE HORROR E TERROR?

Diversos autores do gênero, como Ann Radcliffe e Stephen King, concordam em considerar o terror como uma emoção mais psicológica do que o horror, que seria mais sensorial. “Estar aterrorizado” dependeria, portanto, de um trabalho da imaginação, que especularia sobre a possibilidade de algo terrível vir a acontecer.

“Estar horrorizado”, por sua vez, seria o resultado da concretização da ameaça, sendo normalmente acompanhado por uma sensação de repulsa diante da cena explícita.

5) O QUE LEVA UMA PESSOA A LER UMA HISTÓRIA (LIVRO) DE HORROR? O MOTIVO SERIA O MESMO PARA VER UM FILME DE HORROR?

Essa é uma questão-chave para quem se dedica a estudar o horror ficcional: por que alguém procura, na ficção, por emoções que, na vida real, são desagradáveis? As tentativas de responder a esse paradoxo remontam pelo menos a Aristóteles, e costumam fazer referência ao efeito catártico – o alívio que sentimos após experimentarmos emoções terríveis vividas por personagens com os quais nos identificamos. Embora tais emoções sejam por nós vivenciadas intensamente, elas não representam uma ameaça real ao nosso ser, produzindo um efeito terapêutico de purgar nossas próprias paixões.

Concordando com autores como Edmund Burke, acho que buscamos o medo artístico como um modo de fortalecer nossas emoções reais. Como lembra Stephen King, creio que usamos o “horror de mentira” para nos ajudar a suportar os horrores reais.

6) QUEM COMEÇOU A FAZER – ESCREVER – LITERATURA DE HORROR? PARA QUE PÚBLICO ELE ESCREVA ESSAS HISTÓRIAS?

Sendo o medo uma sensação universal e, reconhecidamente, uma das mais poderosas emoções experimentadas pelo homem, é claro que ele sempre foi explorado pelos narradores orais. Pensando, entretanto, mais especificamente no horror como um gênero literário moderno, podemos dizer que os primeiros escritores góticos escreveram narrativas que ofereciam ao público leitor um contraponto aos excessos do pensamento iluminista. Criaram histórias em que todos aqueles sentimentos e temores “supostamente” superados pela razão faziam-se presentes de modo tão atraente quanto apavorante.

A ficção de horror é sempre um desafio a nossa mente racional. Montaigne disse certa vez que a coisa da qual mais se deve ter medo é do próprio medo, pois ele tem o poder de nos arrastar para fora da zona de conforto da razão e nos transformar em crianças assustadas, em selvagens animistas, em seres fora do controle lógico de nossas crenças mais profundas – algo que, para os leitores da

literatura de horror, desde o Gótico até hoje, é simultaneamente assustador e excitante.

7) É VERDADE QUE TUDO COMEÇOU COM HORACE WALPOLE? QUEM VEIO DEPOIS?

Quando pensamos na literatura de horror moderna, creio ser justo dizer que o mérito de ter sido o iniciador caiba a Walpole, uma vez que ele foi o primeiro a denominar uma obra como sendo um **romance gótico**. Na prática, era uma tentativa de combinar o chamado “novo romance” com os antigos romances de cavalaria, e visava trazer de volta, para o campo da literatura, os elementos de fantasia e de imaginação que, para Walpole, vinham sendo postos de lado por um gosto estético cada vez mais realista e moralizante.

A despeito de dúvidas quanto à qualidade estética de “O Castelo de Otranto”, é inegável que autores como Ann Radcliffe, Clara Reeve, Matthew Lewis, Charles Maturin, Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Bram Stoker, H. P. Lovecraft e tantos outros têm uma dívida com o romance de Walpole, que abriu o caminho para a exploração dos temas, ambientes e enredos góticos.

8) A LITERATURA DE HORROR NASCE DO POVO OU DAS CLASSES MAIS ABASTADAS?

Fazendo novamente a necessária distinção entre as narrativas orais que abordam elementos de horror e a “literatura de horror moderna”, poderíamos dizer que o romantismo gótico tem origem nas classes mais abastadas, mas é inegável que o medo é um componente indissociável das narrativas populares desde sempre.

9) POR QUE AS OBRAS DE HORROR ESCRITAS, POR EXEMPLO, POR E. A. POE, BRAM STOKER, MARY SHELLEY, ROBERT LOUIS STEVENSON, H. P. LOVECRAFT SÃO CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL?

Uma obra literária torna-se um clássico quando consegue transcender o momento e a época em que foi escrita, mantendo-se viva para contínuas interpretações. As *histórias do Grotesco e do Arabesco* (Poe), *Drácula* (Stoker), *Frankenstein* (Shelley), *O Médico e o Monstro* (Stevenson), *O chamado de Cthulhu* (Lovecraft), entre outras, são bons exemplos de obras que conseguiram ultrapassar não apenas o onde e o quando foram criadas, mas as próprias fronteiras do gênero de horror, mantendo-se ainda plenas de sentidos e significados para o mundo contemporâneo.

10) POR QUE POE É CONSIDERADO O “MAIOR” ESCRITOR DE HORROR? O QUE ELE FEZ?

Não tenho como entrar nesse mérito, mas é provável que Poe seja aquele que, entre os escritores que trabalharam com o horror, possui o maior reconhecimento por parte da crítica literária em geral. Poe foi um grande poeta, crítico e, sobretudo, um extraordinário contista.

Poe dominava como poucos as técnicas narrativas e concebia a obra literária como um artefato produtor de emoções. Talvez o fato de ter sido tão atento aos efeitos da literatura sobre o leitor ajude a explicar seu sucesso como contista de horror, já que o gênero se define, fundamentalmente, pela produção de um efeito de recepção: o medo.

11) O GÊNERO SOFREU TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DOS ANOS OU CONTINUA COM AS MESMAS CARACTERÍSTICAS?

A essência do gênero – produzir o medo como efeito estético de recepção – permanece, mas é claro que ele também tem se transformado, especialmente quanto às temáticas. Conforme mudam as sociedades que produzem e consomem narrativas de horror, mudam os temas, os ambientes, as monstruosidades, o nível de violência tolerado em uma obra ficcional etc.

12) QUAL A IMPORTÂNCIA PARA O GÊNERO, DE ESCRITORES COMO ANNE RICE, STEPHEN KING, CLIVE BARKER. ELES INOVARAM OU MANTÊM A TRADIÇÃO DO MODO DE SE FAZER LITERATURA DE HORROR?

A literatura de horror lida necessariamente com monstros, sejam eles naturais ou sobrenaturais. E monstros são máquinas de significados, que funcionam como poderosas metáforas das sociedades em que são gerados. Rice, King e Barker, todos os três escritores comercialmente muito bem sucedidos, parecem ser eficientes em captar as tensões, as angústias e os medos do mundo contemporâneo. Arrisco a dizer que obras como *Entrevista com o Vampiro* (Rice), *O Iluminado* e *Carrie* (King) e os *Livros de Sangue* (Barker) farão parte, se é que já não fazem, do cânone da literatura de horror ocidental.

13) COMO O HORROR FOI PARA O CINEMA, O TEATRO, A TELEVISÃO, O RÁDIO E PARA AS HQS?

O horror moderno espalhou-se muito facilmente por diversas mídias culturais. No século XIX, as grandes obras góticas foram rapidamente adaptadas para o teatro. O cinema, desde suas origens, valeu-se do gênero em filmes clássicos como *O Golem* (1920), *Nosferatu* (1922), *O Fantasma da Ópera* (1925)... Já o rádio, mesmo no

Brasil, sempre teve programas que exploraram o medo e o sobrenatural, como o *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, apresentado por Almirante, na Rádio Tupi, entre 1947 e 1958. Ainda no Brasil, tivemos revistas em quadrinhos dedicadas ao horror de enorme sucesso comercial, como a *Calafrio* e a *Kripta*. Por fim, são tantas as séries de TV dedicadas, ainda hoje, aos temas de horror que mal saberia por onde começar a citar. Isso mostra a pujança do horror moderno que continua a conquistar mídias e adeptos, 250 anos depois Walpole e seu *Castelo de Otranto*.

14) POR QUE A LITERATURA BRASILEIRA TEM POUCOS ESCRITORES DE HORROR?

Creio que haja sim, no âmbito da literatura brasileira, uma produção que poderia ser chamada de literatura de horror ou, simplesmente, literatura de medo. O problema é que a crítica e a historiografia literária brasileiras sempre demonstraram uma indisfarçável preferência por temas realistas e pelos explicitamente relacionados às questões relativas à identidade nacional. Assim, sem uma recepção formal, isto é, sem espaço, por exemplo, nos livros de literatura do Ensino Médio, a ficção de horror ficou à margem da literatura “oficial” do país.

A ausência, no Brasil, de um movimento literário específico, como o romantismo gótico, ou de um autor emblemático, como Edgar Allan Poe, dedicado quase que exclusivamente ao gênero, somados à grande oferta de literatura do horror traduzida no país e ao pouco interesse da crítica por obras de gosto popular (caso da “literatura de horror”) são todos elementos que contribuíram para a ausência de uma tradição “visível” da literatura de horror no Brasil.

Contudo, alguém que pretenda se dedicar a encontrar uma literatura do medo no Brasil pode se surpreender positivamente. Não se trata apenas de descobrir narrativas e escritores ignorados pela crítica literária, mas perceber que muitas das obras escritas por autores clássicos de nossa literatura possuem características da literatura de horror. Cito alguns exemplos: “Flor, telefone, moça” (Carlos Drummond de Andrade); “A causa secreta” (Machado de Assis); “Demônios” (Aluísio Azevedo); “Os olhos que comiam carne” (Humberto de Campos); “O Espelho” (Gastão Cruls); “Bugio Moqueado” (Monteiro Lobato); “Paulo” (Graciliano Ramos); “Dentro da noite” (João do Rio); “Acauã” (Inglês de Souza); “Venha ver o pôr do sol” (Lygia Fagundes Telles), entre outros.

Tais narrativas podem não ter sido produzidas conscientemente como exemplos do gênero, mas podemos encontrar nelas temáticas, motivos, enredos, personagens, construções de espaços narrativos e afins, todos vestígios de uma tradição oculta da literatura de horror no Brasil.

15) LITERATURA DE HORROR É UM GÊNERO POPULAR? O SENHOR PODERIA COMENTAR?

Se por popular entendemos obras que são lidas por milhões de pessoas, a resposta é sim. Quando pensamos em *best-sellers*, é possível falarmos em **obras** que vendem muito e **gêneros** que vendem muito... E, sem dúvida, o horror é um gênero que vende muito. Mas não deveríamos daí concluir que a literatura de horror não tem qualidade estética. É claro que a imensa maioria das obras de horror – como acontece com qualquer outro gênero – é descartável e reproduz clichês. Mas as grandes obras da literatura de horror ultrapassam os limites do gênero e podem ser lidas apenas como boa literatura.